

congresso da **reabilitação** do património

Aníbal Costa
Ana Velosa
Alice Tavares



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

EDITORES

Aníbal Costa
Ana Velosa
Alice Tavares

PAGINAÇÃO E MONTAGEM

Briefing

CAPA

Ana Sofia Almeida (UA)

IMPRESSÃO

Tipografia A Lusitânia

TIRAGEM

200 exemplares

EDIÇÃO

1ª Edição - junho de 2017

ISBN

978-989-20-7623-2

DEPÓSITO LEGAL

428009/17

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

© Os autores. 2017

© Os editores. 2017

Universidade de Aveiro – Departamento de Engenharia Civil
Campus Universitário de Santiago | 3810-193 Aveiro

Casa de Santa Cruz em Albergaria, uma *villa* de Raul Lino? Do reconhecimento de uma obra de arte total como princípio de intervenção.

Santa Cruz house in Albergaria, a *villa* by Raul Lino? From the recognition of a total work of art as a principle of intervention.

Carla Garrido de Oliveira¹, Ana Maio²

¹CEAU-FAUP2; carla.garrido@arq.up.pt

²am_pm architects; anamaiopm@gmail.com

Resumo

O projecto desta casa, do início dos anos 30, foi sendo atribuído a Raul Lino e transmitido como tal através das gerações da mesma família que aí foram habitando.

A discussão desta autoria assenta no reconhecimento da própria obra como prova documental, atendendo à sua qualidade arquitectónica e construtiva, fundamentada na comparação com outras obras do mesmo autor. Constituem argumentos (i) a influência do projecto doméstico europeu do início de Novecentos; (ii) a proposta estabilizada de Raul Lino para uma moderna casa portuguesa; (iii) a diversidade de atmosferas domésticas, variação e unidade de uma ‘obra de arte total’; (iv) afinidades com a história da arquitectura portuguesa.

O estado de conservação e a atenção a novos requisitos de conforto são considerados no presente projecto de intervenção; mas é sobretudo a análise –*forma, construção e decoração como diferenciação espacial*– que concorre para o entendimento da obra existente –nomeadamente dos próprios critérios do projecto original–, conduzindo assim o sentido da obra de reabilitação.

Palavras-chave

Valor de uso; valor artístico; Pioneiros do Projecto Moderno; atmosferas domésticas; Casas Portuguesas.

Abstract

The project of this house, dating from the early thirties, being attributed to Raul Lino, was transmitted as such through several generations of the family who lived there.

The discussion of this authorship is based upon the recognition of the house itself as documentary evidence, given its architectural and constructive quality, based on the comparison with other works by the same author. Arguments are (i) the influence of the European domestic project of the early twentieth century; (ii) Raul Lino’s proposal for a modern Portuguese house; (iii) the diversity of domestic atmospheres, variation and unity of a *total work of art*; (iv) affinities with the history of Portuguese architecture.

The present intervention takes in consideration the state of conservation and new comfort requirements; but, above all, it is the analysis –*form, construction and decoration as spatial differentiation*– that contributes to the understanding of the existing house, and therefore the intentions of the original project, leading to the approach adopted by the contemporary intervention project.

Keywords

Use value; artistic value; Pioneers of Modern Design; domestic atmospheres; Portuguese Houses.

Prólogo

O artigo estrutura-se em três partes: a parte (1) trata da história da casa e da família, nomeadamente os aspectos que relevam para a hipótese de ter sido Raul Lino o autor do projecto de arquitectura, apresentando ainda uma breve leitura de colocação urbana; a parte (2) percorre certos aspectos da obra deste arquitecto procurando, por um lado, evidenciar a sua actualidade para a problemática da reabilitação do património e, por outro, observando-os na casa de Santa Cruz, argumentar a hipótese da sua autoria; a análise concreta das qualidades desta casa aqui desenvolvida antecipa o posicionamento metodológico da intervenção apresentado na parte (3), detalhando as principais situações decisórias, em que a lógica interna da própria obra existente é a principal condutora do processo de reabilitação. A elaboração deste artigo decorreu exactamente em paralelo com o processo de intervenção, entre Dezembro de 2016 e Maio de 2017.

1. A família, a casa e os valores espirituais do antigo e da memória

A propriedade de Santa Cruz era inicialmente um pinhal, herdada de seu pai por D. Mariana Corrêa Telles de Araújo e Albuquerque (1893-1959); casada em 1921 com Jaime Inácio Ferreira (1887-1966), ambos mandaram desbravar e murar a quinta vindo a edificar aí a sua casa de Santa Cruz, obra que em 1936 estaria pronta como documentado em fotografia datada de então. Pelas gerações e ramos da família é transmitida a informação de que a autoria do projecto fora do arquitecto Raul Lino (1879-1974), tendo por argumento as relações profissionais de Jaime Ferreira –bacharel em direito pela Universidade de Coimbra em 1910, republicano desde logo, advogando em Albergaria-a-Velha no início de uma longa carreira política, tanto na presidência municipal como no associativismo local, como ainda na administração pública, que o levaria de Moimenta da Beira a Niza, do Porto a Lisboa, tendo sido chefe de gabinete do Ministro do Interior Albino dos Reis (1932-1933). [1] Enquadrando-se no âmbito deste último cargo, acresce o facto de um sobrinho de Jaime Ferreira, Mário de Albuquerque (1898-1975), ter sido amigo pessoal de Raul Lino, tendo supostamente intermediado a encomenda do projecto da casa de Santa Cruz cerca de 1932. [2]

A casa vai implantar-se em articulação com o adro e a capela do Senhor da Santa Cruz, um pouco recuada face ao caminho que lhe dá acesso, contribuindo para um sentido referencial deste entroncamento na estrutura territorial de Albergaria-a-Velha. Esta condição foi-se acentuando ao longo do século e, pese embora as rupturas morfológicas observáveis na envolvente actual, detém hoje potencialidades acrescidas. Orientada segundo os pontos colaterais, a casa organizava os jardins envolventes, incluindo o frontal, de acesso –enquadrando-se numa teoria solar enunciada na primeira década de Novecentos por Baillie Scott e Hermann Muthesius, autores referenciais para Raul Lino. [3] A quinta –com mais de 20.000m² antes de ser loteada em 2001– incluía ainda a casa dos caseiros e demais dependências agrícolas, participando num jogo de volumes pitoresco, um sentido urbano-paisagístico que não se regia por relações geométricas abstractas –observe-se que nenhum dos volumes se relaciona segundo princípios de ortogonalidade, antes compondo uma cenografia focal de chegada.

Em 2016, três gerações mais tarde, a casa passa de um ramo a outro da família, mote para uma intervenção arquitectónica levada a cabo pelos novos clientes-moradores –condição desejável para Raul Lino–, com a particularidade acrescida de ser igualmente um deles a arquitectar a

obra. Assim, convergem aqui diversos problemas da arte edificatória: a condição coincidente de cliente-morador-arquitecto; a intervenção num organismo existente, dotado de lógicas próprias; a adequação dos espaços-ambientes a uma nova família, tanto mais que entre aquela que encomendou a obra e esta que agora a apropria –tornando-a apropriada ao seu próprio tempo e necessidades– decorreram cerca de três-quartos de século; ainda, e inerente ao reconhecimento das qualidades arquitectónicas da casa, a tensão instalada no projecto de intervenção entre os valores artísticos –relativo e de novidade– e o valor de uso. [4] Tomamos aqui as noções de Alois Riegl, assentando que neste caso os valores rememorativos respeitam sobretudo aos laços familiares –em que casa e família se entrelaçam–, expandindo-se porém na memória local mas também na história da arquitectura portuguesa do século XX –considerando que esta casa é inserível no legado da obra de Raul Lino, independente da eventualidade de uma prova documental relativa à sua efectiva autoria. A necessidade material de uma habitação transporta toda a contundência do valor de uso –ou instrumental–, enquanto a dimensão psíquica da vivência humana, e em particular nas suas estruturas familiares, coloca em evidência os valores espirituais de uma obra de arquitectura [4], tanto mais quando falamos da nossa casa. No caso de uma reabilitação, pelo menos nos termos em que o presente projecto de intervenção é conduzido, exponencia-se a tensão entre o *valor artístico relativo da obra existente e o valor de novidade da intervenção contemporânea*, isto é, *a possibilidade de uma obra de gerações anteriores ser apreciada no que respeita à sua própria e específica concepção, ao mesmo tempo que se apresenta “de modo evidente como algo novo”*. [4] Aqui chegados, ao cerne de um dos problemas subjacentes à reabilitação do património, coloca-se uma interrogação retórica: as exigências técnicas e de conforto contemporâneas pertencem à esfera das necessidades materiais ou espirituais?

2. Entre o valor artístico relativo e o valor de uso do programa arquitectónico de Raul Lino

Similar à dualidade enunciada por Riegl, de valores de uso e valores artísticos, é o próprio Raul Lino quem nos faculta uma hipótese de reflexão paralela, ao recorrer à diferenciação entre virtudes materiais e virtudes espirituais como aparato estrutural para o seu terceiro livro, *Casas Portuguesas*, publicado em 1933, datando exactamente do mesmo período do projecto da casa de Santa Cruz. (I) *Economia*, (II) *Entre a Economia e a Beleza*, (III) *Beleza*, constituem a “Divisão do Livro”, ao longo do qual vão sendo reveladas as demais virtudes materiais e espirituais, cinco em cada uma destas dimensões –um total de doze virtudes balizadas pela *economia* e pela *beleza*. [3]

Tal como consideram tanto Alois Riegl como Raul Lino dentro de cada um dos próprios enunciados, a dominante dimensão material inerente ao *valor de uso*, ou à *parte prática*, é elementarmente apreendida por todos, enquanto os *valores artísticos* apenas são compreensíveis por alguns. Raul Lino exemplifica tal subtilidade com a diferença entre *comodidade*, *virtude material*, e a sua homóloga *espiritual*, o *conforto*. [5] Esta diferenciação mantém hoje toda a sua pertinência em qualquer projecto de arquitectura, mas em particular no de reabilitação, precisamente pela presença do *valor artístico relativo* –isto é, aquele coetâneo à concepção da obra inicial–, que o arquitecto deverá apreender e gerir na tensão com os *valores de uso e artístico de novidade*. É neste sentido que é conduzida a intervenção na casa de Santa Cruz, procurando pautar-se pela compreensão das lógicas internas ao organismo existente enquanto consequência contextual da primeira encomenda, por um lado; mas por outro, considerando a autonomia do discurso

das formas tal como hoje se nos apresentam, atender à encomenda presente; movendo-se em sentidos opostos, a arquitectura deverá manter esta tensão em equilíbrio, sem que nenhum se sobreponha.

A proposta estabilizada de Raul Lino para uma moderna casa portuguesa

Depois de *A Nossa Casa*, primeiro livro de Raul Lino publicado em 1918, com quatro edições até 1923, e de *A Casa Portuguesa* em 1929, percorrendo cerca de cinco séculos da nossa história doméstica, em 1933 *Casas Portuguesas* representa uma reflexão de ambos, na sequência de três décadas de intensa actividade profissional. A própria evolução dos títulos e subtítulos, entre o primeiro e terceiro livros, assinala a estabilização de uma proposta moderna de renovação da casa, missão encetada em 1900: *nossas e portuguesas*, as *casas* serão sempre *simples*, na medida do gosto de cada um; o bom gosto, princípio moral e social enquanto coerência entre a casa e o modo de vida do morador –o *estilo* daquela em consequência do carácter deste último–, supera-se no livro de 1933, transposto para um sistema articulado de virtudes.

Se no primeiro livro Raul Lino não havia equacionado uma inserção estruturada de projectos exemplificadores, em *Casas Portuguesas* tal vai constituir uma parte autónoma, claramente disciplinar: (V) *Ilustrações*, parte constituída por XXIV estampas apresentando vinte projectos de sua autoria, a maioria concretizada em obra, uma intenção manifestada já em 1918, atestando uma plena relação entre a prática profissional e o propósito pedagógico de elevação da cultura das classes médias. [3] A escolha dos projectos e a sua sequência constrói um sistema ordenado e complexo, similar à sistematização observada na construção do texto, no sentido de percorrer diferentes situações e de para cada uma delas apresentar obras diversas, fazendo subsistir os princípios pela variação presente nos exemplos. A matriz de tripla entrada subjacente aos vinte exemplos corresponde à importância conferida a [i] um desígnio de ‘paisagem’, fosse citadino, (peri-)urbano ou geográfico; [ii] uma condição regionalmente expressiva; e [iii] a condição do cliente-morador. [3] É aqui que vamos encontrar um dos principais argumentos na defesa da hipótese de o projecto da casa de Santa Cruz ter sido da autoria de Raul Lino. A estampa III apresenta uma “*Casa num subúrbio do Porto. 97m² fora os alpendres. Granito da região. Paredes caiadas na cor do marfim. Madeiras do alpendre pintadas de verde-azebre vivo. Ligeiro devaneio romântico na entrada ogival.*” [5]

Da casa no Porto à casa em Albergaria-a-Velha

Esta casa, localizada na rua Ciríaco Cardoso e com projecto de 1931 [6], detinha à data da sua construção uma condição periurbana de certa forma equiparável à da casa de Santa Cruz, tal como o seria a condição profissional-social-cultural de ambos os proprietários; numa e noutra, um sinal de ligeiro devaneio romântico: no Porto, a entrada ogival, em Albergaria-a-Velha, a empena principal contracurvada. Casas médias, simples mas de bom gosto –e o bom gosto é aqui sinal de honestidade e correspondência entre a vida do cliente-morador e a expressão da casa que a acolhe–, ambas praticamente com a mesma área –cerca de 100m² por piso. Analisando a disposição-distribuição formal de ambas as casas, observa-se a justaposição de volumes matriciais –dois no Porto, três em Albergaria–, subsequentemente compartimentados segundo as necessidades dos usos. Nesta concepção volumétrica participam igualmente volumes de uma segunda dimensão, dispositivos de mediação que filtram as relações entre o interior e o exterior –o que em 1970 Pedro Vieira de Almeida designou como *almofadas de luz-penumbra*. [7] Tais dispositivos correspondem a varandas, alpendres, terraços e plataformas elevadas, partes

que qualificam o habitar, tal como permitem um controlo da escala do conjunto pela conjugação variada de formas, dimensões e profundidades. Outro tema arquitectónico em análise prende-se com a concepção do átrio –diferente de vestíbulo de entrada–, correspondendo na obra de Raul Lino à proposta de transferência para a nossa casa, em formas e expressões portuguesas, do *hall* inglês, no qual muitas vezes se instala a escada articulando espacialmente vários pisos através deste ‘volume’ nuclear; na casa de Albergaria dispõe-se no comprimento do corpo Sudeste, ligando a entrada e distribuindo para todos os compartimentos principais em ambos os pisos, enquanto na do Porto é menos presente, numa relação entrada-escadas mais segmentada, acabando por se aproximar de um corredor, mesmo que amplo. Quanto à decoração –entendida como a caracterização dos espaços, geométricos e nus– e tendo em conta o ‘despimento’ actual da casa do Porto, é necessário convocar outro exemplo, recorrendo à casa do próprio arquitecto –situação em que melhor se aferem as convicções de um *arquitecto*. Na sua casa do Cipreste em Sintra, 1912-1914, encontramos outro tema omnipresente na obra de Raul Lino e observável na casa de Santa Cruz: os revestimentos parietais, sejam o papel de parede, o azulejo ou os apainelados de madeira. Tanto nestes últimos como nas demais carpintarias, como também no caso de paredes simplesmente rebocadas, para Raul Lino a cor é de tal ordem importante que se converte como que em elemento construtivo. Também no Cipreste e em Santa Cruz, observam-se dispositivos mediadores, “assim por exemplo: o vestíbulo que interpõe uma zona neutra entre o mundo externo e a intimidade do lar, a copa que separa a cozinha onde se prepara a comida da sala onde ela é servida”. [5]

Uma das consequências de *Casas Portuguesas* foi a disseminação mais ou menos adaptada, mais ou menos qualificada dos princípios e exemplos aí publicados, pela iniciativa de algum leitor ou pela adesão dos próprios arquitectos, nas diversas formas de apropriação e oficialização por parte do regime político vigente, de um ideário imagético, por vezes reduzido a expressões de superfície. O que diferencia a casa de Santa Cruz de tantas outras que proliferaram por terras portuguesas reside na coerência entre um vocabulário estabelecido e reconhecível, uma concepção volumétrico-espacial –que já não se observa em muitas das mimetizações–, e a qualidade das atmosferas interiores. A casa de Santa Cruz traduz o sentido de *Gesamtkunstwerk* –*obra de arte total*– que no final do século XIX e inícios de Novecentos, entre Inglaterra, Áustria e Alemanha, no processo de renovação das artes, arquitectura e indústrias oficiais, constituiu um dos princípios basilares do projecto doméstico moderno.

O projecto doméstico europeu do início de Novecentos: diversidade de atmosferas domésticas, variação e unidade de uma obra de arte total

Raul Lino formou-se precisamente na emergência dos fundamentos do projecto moderno, entre o apuramento das qualidades da casa inglesa, destacando Baillie Scott entre vários outros arquitectos-pioneiros de então, e a sua transferência para a renovação da casa alemã promovida por Hermann Muthesius –processo continuado na *Deutscher Werkbund*, pois que o problema da casa e da arquitectura constituía então um problema artístico interceptante das apelidadas artes menores e do desenho-projecto equacionado a partir da produção industrial em escala alargada. A partir de 1896 a biblioteca de Raul Lino era informada por inúmeras publicações europeias, entre periódicos artísticos, anuários, catálogos e livros de arquitectura. Deste universo destacam-se *Houses and Gardens*, 1906, de Baillie Scott, e *Landhaus und Garten*, 1907, de Hermann Muthesius. No primeiro observa-se a solidez das ideias modernas, na concepção focada na essencialidade da vida interior –onde a obra artística se manifesta na integração

do mobiliário e construção dos ambientes–, expandida no exterior tanto em alçado como no jardim; a casa é construção e jardim, o lote uma unidade própria. [3] Estas ideias influem desde muito cedo na prática profissional de Raul Lino e a proposta consciente de uma corrente reformadora formulada em 1908 decorrerá de propósito análogo empreendido por Hermann Muthesius, afirmado em *Landhaus und Garten* –a reforma da casa do próprio país, por interpretação dos modernos princípios ingleses, tornados próprios pela evolução das formas locais. Entre outros aspectos a proposta de Muthesius enuncia uma teoria solar –de sol e de solo– relacionando compartimentos da casa com determinados recintos e áreas do jardim, defendendo princípios similares de desenho arquitectónico no projecto de todo o lote, podendo-devendo ser desenvolvido pelo mesmo arquitecto. Se o sistema não difere na essência daquele proposto por Baillie Scott, Muthesius tipifica em desenho as quatro situações principais da posição da casa no lote –decorrentes da variação da posição da rua, uma vez que a relação da casa com o sol e os jardins que a prolongam se auto-referencia no interior. [8] Também a vocação de um dado compartimento interior e a relação com o recinto exterior que lhe corresponde será potenciada nos revestimentos interiores dos espaços através de diferentes cores e materiais. Aqui é Baillie Scott quem condensa a ideia, no projecto-manifesto *Le Nid*, em que cada espaço nos transporta para um ambiente natural diferente –um campo de papoilas, outro de girassóis... [9] Na casa de Santa Cruz a intervenção urbanística de 2001 alterou a relação casa-parcela e o estado devoluto dos últimos anos a degradação do desenho dos jardins; é contudo latente uma relação interior-exterior diferenciada nos quatro quadrantes, na medida da vocação de cada um –tal como numa villa rústica. A função primeira é receber e entrar, a Sudoeste, articulando-se com o estar entre exterior-interior na varanda alpendrada que dobra envolvendo as salas a Sudeste, dando novamente acesso ao jardim; a cozinha –um dos três volumes geradores– abre-se visualmente a Nordeste, para onde se desenvolvia a quinta, projectando-se fisicamente no exterior segundo dois alpendres, um ‘suspenso’ sobre o jardim, outro dando saída de serviço. Na medida da condição do cliente, Raul Lino adopta o apainelamento como recurso qualificador, seja de madeira ou azulejos, estampilhados ou alternativamente papel de parede, bem como a fixação de certos elementos do mobiliário. Em Santa Cruz permaneceram sobretudo tais revestimentos parietais que, a par da importância das demais carpintarias, caracterizam diferenciadamente os diversos espaços; a força expressiva destas atmosferas é de tal ordem que constituiu um dos temas cruciais neste processo de reabilitação.

Afinidades com a história da arquitectura portuguesa

Se desde os primeiros manifestos publicados em *A Construção Moderna*, afirmando desde 1900 o propósito de apropriação de modernas influências externas traduzindo-as na renovação das nossas formas antigas, a partir de 1929, com o percurso pela história d’A Casa Portuguesa, Raul Lino vai deslocar a sua proposta exclusivamente para a evolução destas últimas. [3] Por exemplo, a teoria de revestimento parietal de Baillie Scott fora já elaborada na arquitectura portuguesa na transição moderna entre os séculos XV e XVI na singularidade islâmico-mediterrânica que solidificara em azulejo o antigo hábito de colgar panos nas paredes nuas –conferidores de habitabilidade e diferenciação ao longo do ano. Entre outras citações, um pormenor na casa de Santa Cruz referencia-a à quinta da Bacalhoa onde, além das varandas alpendradas, encontramos a cúpula de gomos: em Azeitão pontua os torreões angulares que definem as duas quadras; em Albergaria –“afinidades, reflexos apenas”– [10] apoia o movimento de tornear inerente ao ascender da escada; esta citação erudita será o derradeiro argumento para a defesa de ser Raul Lino o autor do projecto da casa de Santa Cruz.

3. Projecto-obra de reabilitação arquitectónica

A boa construção da casa, praticamente nenhuma alteração relevante desde a sua construção, a par de um bom estado de conservação –pese embora algumas patologias a corrigir–, permitiu uma reabilitação controlada, assente num acompanhamento permanente em obra. Se inicialmente a intervenção se afigurou mais transformadora, o processo foi revelando que tal não seria possível: todos os elementos estão interligados, numa obra que é um todo –o vestíbulo de entrada, o átrio das escadas, os segundos espaços de distribuição, os compartimentos, todos ligados pela continuidade das carpintarias ao mesmo tempo que nestas se estabelece a diferenciação de materiais e cores, distintivos de cada espaço-atmosfera. O levantamento e progressivo reconhecimento da qualidade da própria obra conduziu assim a um posicionamento e actuação cirúrgicos, com o mínimo de intervenção que permitisse adaptar o edificado às exigências de habitabilidade e conforto contemporâneas.

A primeira acção, de manutenção, decorreu na cobertura –substituindo algumas telhas, barrotos e outros elementos, e verificando a estrutura da clarabóia sobre o átrio–, seguindo-se uma das intervenções fundamentais, consistindo na alteração e substituição de infraestruturas, nomeadamente canalização e parte eléctrica, concentradas na parede Nordeste. Sendo a fachada com mais patologias e simultaneamente aquela que delimitava as áreas com maiores exigências técnicas –cozinha, lavandaria e instalações sanitárias–, a necessidade de maiores reparações coincidia com a abertura de roços para a passagem de tubagens e cabelagens. Esta, como as demais fachadas foi impermeabilizada recorrendo a reboco delgado armado, contudo sem a colocação de isolamento térmico –dispensado, por um lado dada a inércia decorrente da espessura das paredes de alvenaria de pedra, por outro, atendendo ao emolduramento dos vãos, e em particular os aventais dos parapeitos. A ligação das duas salas a Sudeste fez-se através de um amplo vão, procurando uma maior continuidade espacial e uma diferenciação face à proporção mais cúbica das que se mantiveram inalteradas, a Noroeste. Este vão posicionou-se à cota dos aros das portas interiores –à semelhança do que ocorria no piso superior, tanto na passagem do átrio para as distribuições secundárias, como na ligação de dois dos quartos a Sudeste–, preservando-se assim a individualidade de cada um dos dois espaços iniciais, pela dobragem nas quatro faces dos elementos delimitadores da volumetria de cada um deles –tecto, friso, rodapé e, particularmente, as lareiras enquanto tema focal. No que respeita a revestimentos e cores dos espaços, provavelmente a decisão mais delicada em todo o processo de reabilitação –porque a mais transfiguradora na percepção de escala e atmosfera– prendeu-se com a solução para os papéis de parede, que revestiam praticamente todos os compartimentos, distinguindo-os segundo temas, cores e texturas. Por um lado encontravam-se em muito mau estado, sem recuperação possível –com diversas lacunas e manchas, na sequência de infiltrações e fumo de tabaco–; por outro, em certos compartimentos, a textura e a cor deste revestimento, aliadas ao apainelamento até meia-altura das paredes em madeira de cor escura –pelo tipo, infusão ou mesmo pintura–, tornava os espaços demasiado densos e sombrios. Neste sentido mantiveram-se os apainelados de madeira –de grande interesse, tanto pelo perfil como pela modulação–, e afinaram-se cores na pintura das superfícies superiores, em cada compartimento, tentando afinidades com as do papel de parede anterior, ao mesmo tempo que se procurava uma maior luminosidade. Quanto ao azulejo, os do átrio são, na sua relação espacial e tendo em conta a perda do papel de parede nas salas, o revestimento parietal que melhor preserva o anterior sentido de acolhimento. Os da copa, de grande singularidade,

encontravam-se também em óptimo estado e sem quaisquer lacunas. Na cozinha, a divisão anteriormente mais intervencionada com danos consideráveis no revestimento, reproduziu-se artesanalmente o módulo de azulejo a fim de substituir as peças danificadas ou em falta. Nas casas de banho, a resolução das situações de lacuna era dificultada pelas dimensões dos azulejos da época, pelo que a grelha daí decorrente não possibilitava sequer a compatibilização de cores ou acabamentos de entre a oferta actual; a solução decorreu de uma procura por todo o país, localizando um construtor que dispunha ainda de 4m² compatíveis. Assim, ao invés de decorrentes de teoria(s) de intervenção pré-estabelecida(s), as soluções obedeceram a uma abordagem circunstancial, mediante cada situação, em que manutenção, reparação, substituição, reprodução ou interpretação concorriam para um princípio de coerência e unidade da obra. Em relação a caixilharias exteriores e demais carpintarias, a opção foi manter as originais, corrigindo patologias e substituindo pontualmente peças deterioradas, reproduzidas segundo cada situação –em rodapés, aros, réguas e tafifes. A manutenção das caixilharias prendeu-se também com a não alteração das fachadas, mantendo-se assim o contributo daquelas para o proporcionamento dos vãos na composição geral da volumetria e dos alçados. Também aqui foi necessário acertar cores, tanto na fachada como nas caixilharias, uma vez que as várias camadas de tinta nestas últimas revelaram em certos casos alterações de cor ao longo da vida do edifício. Em todos os materiais ligantes, de acabamento ou reparação de patologias –como argamassas, tintas, óleos, infusões ou betumes– procurou-se manter o equilíbrio orgânico da construção original, evitando conflitos de ordem química.

Epílogo

Pela qualidade da obra existente –formal e construtiva–, propiciando uma plena convergência entre *valores de uso e valores artísticos*, tanto *relativo* como *de novidade*, a reabilitação da casa de Santa Cruz em Albergaria-a-Velha incidiu quer na *comodidade material* –tratando patologias, renovando e actualizando infraestruturas–, quer no *conforto espiritual*, mantendo um sentido de atmosferas diferenciadas entre os diversos compartimentos. Similarmente à unidade da obra existente, mesmo na variação expressiva das suas partes, a coerência do projecto de reabilitação reside na variabilidade dos princípios de actuação. O facto de coincidirem morador, cliente e arquitecto concorre ainda para a consciência de ser a qualidade da obra e o propósito da sua preservação uma das principais condicionantes do projecto, implicando como tal certas concessões face às demais exigências da encomenda. No que concerne à hipótese de ter sido Raul Lino o autor do projecto, e na ausência de documentos, é nossa convicção que a prova documental mais eloquente é a qualidade da obra em si mesma.

Referências

1. Ferreira, D. B., Albergaria-a-Velha 1910: da Monarquia à República, ADERAV, Aveiro (2010) 405-406.
2. Ferreira, D. B., Casa e Capela de Santo António em Albergaria-a-Velha: Genealogia, História e Arte, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna do Porto, Porto (1999) 133-135, 153-155.
3. Garrido de Oliveira, C., 'A Nossa Casa: Proposta de uma reforma moderna para a arquitectura portuguesa. 1890-1933, Trânsitos europeus na obra de Raul Lino', tese de doutoramento, FAUP, Porto (2016).
4. Riegl, A., El Culto Moderno de los Monumentos, su Carácter y sus Orígenes, Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, Sevilha (2007).
5. Lino, R., Casas Portuguesas: Alguns Apontamentos sobre o Arqueitectar das Casas Simples, Valentim de Carvalho, Lisboa (1933).
6. Andrade, S. C., 'Há uma casa Raul Lino no Porto' (21 Abril 2014), in Público, <https://www.publico.pt> (acesso em 2017-03-30).
7. Vieira de Almeida, P., 'Raul Lino, Arquitecto Moderno', in Raul Lino: Exposição Retrospectiva da sua Obra, FCG, Lisboa (1970) 116-188.
8. Muthesius, H., Landhaus und Garten: Beispiele neuzeitlicher Landhäuser nebst Grundrissen, Innenräumen und Gärten, Bruckmann, München (1907).
9. Baillie Scott, M. H., Houses and Gardens, George Newnes Ltd, London (1906).
10. Lino, R., A Nossa Casa: Apontamentos sobre o Bom Gôsto na Construção das Casas Simples, Atlantida, Lisboa (1918).

Índice

1. Materiais e Técnicas Tradicionais

Rebocos de terra: caracterização higroscópica e face à presença de água líquida José Lima, Margarida Ferreira e Paulina Faria.....	21
Edifícios de adobe e taipa na região de Leiria, Portugal. Levantamento material e documental com vista à sua conservação e reabilitação Micael FERREIRA ¹ , José LIMA, Maria Teresa FREIRE, Paulina FARIA	31
Importância dos revestimentos de paredes no valor cultural e no comportamento global dos edifícios do Património Histórico Maria do Rosário Veiga ¹	41
Revestimentos com base em gesso em edifícios antigos: recolha oral sobre materiais e tecnologias construtivas Ricardo ABRAÇOS SANTOS ¹ , Maria Teresa FREIRE, Paulina FARIA	51
A produção cerâmica e a sua evolução na zona norte de Portugal Sara Moutinho ¹ , Ana Velosa	61
Adobe tradicional do Centro de Portugal: como assegurar a sua sustentabilidade? Cristiana Costa, Ana Velosa, Ângela Cerqueira ¹ , Fernando Rocha.....	71
As paredes pão-de-açúcar no edificado Aveirense Nobre, J.; Faria, P.; Velosa, A.	81
Estudo da durabilidade do tijolo prensado do final do século XIX, da cerâmica Silió. María Soledad Camino-Olea ¹ , Alfredo Llorente-Álvarez, Fco. Javier León-Vallejo, María Ascensión Rodríguez-Esteban, María Paz Sáez-Pérez, José M ^a Olivar-Parra.....	89
Desempenho de materiais de construção com interesse histórico – arquivo e ferramentas de divulgação A. Santos Silva ¹ , M. J. Correia.....	101
A evolução dos sistemas construtivos na arquitectura Portuense entre a tradição e a modernidade. Joaquim Teixeira, António Neves.....	109
Mapeamento da construção em terra no território Português . Ana Antunes,Sandra Cunha, Ricardo Bento.....	119

A Construção de Terra.

Técnicas Tradicionais Construtivas do Butão.

Alexandre A. Costa, Bruno Quelhas, João M. Guedes, Tiago Ilharco, Valter Lopes, Joana Vasconcelos, Gabriela Vasconcelos 127

2. Princípios e metodologias de intervenção na reabilitação

Adaptação e transformação na habitação apoiada pelo Estado no século XX. As “Torres Vermelhas” da Pasteleira enquanto laboratório
Gisela Lameira, Luciana Rocha 131

As envolventes aos monumentos da Rota do Românico.
Princípios e metodologias para a sua definição.
Miguel Malheiro 141

A casa Caramela - Construção em alvenaria de adobe da região de Palmela
Inês Oliveira, Teresa Sampayo, Paulina Faria 149

Modelo para avaliação integrada de soluções de reabilitação: um caso de estudo no Centro Histórico de Viseu.
Catarina Pinto Mouraz, J. Mendes da Silva, Ana F. Ramos, António A. Bettencourt 159

Evolução do princípio da intervenção mínima: das motivações oitocentistas à situação actual
Helena Barranha 169

Ensaio de um modelo multicritério na definição de estratégias de intervenção no património industrial
Alice Tavares, Maria Rita Amoroso, Aníbal Costa 179

Análise Custo-Benefício aplicada a intervenções no turismo: Contributo para a reabilitação e regeneração urbana.
Filipa Salvado, Maria João Falcão Silva, Paula Couto 189

Otimização de intervenções de reabilitação baseadas em análises multicritério: Contribuição para a reabilitação urbana .
Filipa Salvado, Maria João Falcão Silva, Paula Couto 197

Imagens multiespectrais e termográficas aplicadas ao estudo de Património Arquitectónico.
Pereira, Luís Bravo; Vale, Clara Pimenta do; Venceslau, Ruben 205

Marmorite – contributo para a correta conservação deste durável revestimento de paredes.
Cláudia MARTINHO, Rosário VEIGA, Paulina FARIA 215

3. Inspeção, diagnóstico e ensaios aplicados ao património edificado

Inspeção e avaliação da acústica em património religioso Fabiél Gonçalves Rodrigues, João Carlos Gonçalves Lanzinha, Ana Maria Tavares Martins	219
Identificação de fluxos subterrâneos mediante técnicas geofísicas e hidrogeológicas na envolvente de edifícios singulares: Galerias Punta Begoña (Getxo). Tomás Morales, Jesus A. Uriarte, Laura Damas Mollá, Francisco García, Arantza Aranburu, Maialen Sagarna, Urko Balciscueta, Iñaki Antigüedad.	227
Caracterização multidisciplinar de eflorescências salinas no Mosteiro da Batalha Fernando Almeida, Rui Moura, Nuno Barraca, Cristiana Costa, Denise Terroso1, Manuel Matias	237
Avaliação preliminar do desenvolvimento de fungos em paredes de tabique Ricardo M.S.F. Almeida, Eva Barreira, Elisabete Siva, Isabel Brás, Sofia Teodósio, Ana Martinho, Isabel Rato, Tomásia Clérigo, Ana Pereira, Ana Rocha e Catarina Costa	245
Apresentação de uma metodologia para avaliação do estado de conservação global de pontes em alvenaria. Marlena Sousa, Cristina Costa, Joana Almeida, João Amado, Aníbal Costa	253
Caracterização construtiva dos forjados de betão armado das Galeias de Punta Begoña em Getxo (Espanha). A técnica do georradar. Maialen Sagarna1, Laura Damas Mollá, Francisco García, Jesus Uriarte, Iñaki Antigüedad, Arantza Aranburu, Urko Balciscueta, Tomas Morales.	263
Percurso metodológico entre a inspeção e a avaliação, aplicado aos revestimentos de fachadas de edifícios de estações ferroviárias inoperacionais. João Espiga, Maria Idália Gomes.....	273
Aplicação de ensaios NDT para estimativa de propriedades físicas e mecânicas de madeira de pinho nacional . Alexandre A. Costa, João Rainho, Duarte B. Lopes	287
Monitorização e Conservação Preventiva do Património Histórico: o Projeto HeritageCare. Luís F. Ramos, Maria José Morais, Miguel Azenha, Maria Giovanna Masciotta, Eduardo B. Pereira, Teresa Ferreira, Paulo B. Lourenço	297
O método do Georadar na caracterização do Mosteiro da Batalha. Nuno Barraca, Manuel Senos Matias, Fernando Almeida.....	307

Propriedades mecânicas de madeira degradada por caruncho em edifícios antigos. Uma análise experimental. Sandra Mendes, Dulce Franco Henriques, Maria do Carmo Alves	309
---	-----

4. Avaliação da segurança de estruturas antigas

Avaliação da segurança de pavimento do Salão Nobre do TNSC – uma abordagem multidisciplinar. Helena Cruz, Paulo Candeias, José Saporiti Machado, Alfredo Campos Costa, Simona Fontul	313
---	-----

Segurança sísmica em áreas de reabilitação urbana localizadas em zonas ribeirinhas do Algarve João M. C. Estêvão;	323
--	-----

Avaliação experimental de ligações com cavilhas de madeira. Jorge M. Branco, Ioana Teodorescu, Bárbara Pereira, Mihai Voiculescu, Daniela Tapusi, Filipe Ferreira	333
--	-----

Avaliação experimental do comportamento mecânico de paredes de tabique Mafalda Amorim, João M. Guedes, Bruno Quelhas, Tiago Ilharco.....	345
---	-----

5. Compatibilização - eficiência energética versus reabilitação

Aplicação para análise energética e económica de soluções para reabilitação de edifícios Paula Assis, Ricardo Figueira, Paulo Oliveira.....	357
--	-----

Melhoria do desempenho energético e o seu Impacto económico-social Mariana Chaves de Oliveira, Joana Maria Figueiredo Mota de Andrade, Maria Manuela de Carvalho Álvares	367
---	-----

Estudo do desempenho térmico e avaliação das condições de conforto em edifícios antigos: casos de estudo do município de Ovar Jorge Fernandes, Alice Tavares, Ricardo Mateus, Helena Gervásio, Aníbal Costa.....	375
---	-----

Caracterização experimental do desempenho térmico de escolas não reabilitadas em serviço – Caso de Estudo Barbosa, M.F.C., de Freitas, V.P., Almeida, M.....	385
---	-----

Uma abordagem complementar à eficiência energética e avaliação do conforto nas habitações reabilitadas do Sul da Europa. Sílvia A. Magalhães, Vasco P. de Freitas, José Luís Alexandre	395
---	-----

Estudo do comportamento bioclimático de um imóvel antes da sua reabilitação. Martín del Toro, Eduardo, Tomé, Joana M.	405
Estratégias de Reabilitação de Vãos Envidraçados Exteriores Inês Batista, Armando Pinto, Paulo Cachim, Ana Velosa	413
Reabilitação Sustentável de Edifícios de Construção Tradicional. Henrique Portela, Víctor M. Ferreira, Ana Velosa	423
Medição in-situ e simulação numérica da resistência térmica de paredes Ricardo M.S.F. Almeida, J. Mendes Silva, Romeu Vicente, Ana Ramos, Carlos Sá	431

6. Efeitos do turismo na reabilitação urbana e do património

Património e acessibilidade: Reflexão sobre os constrangimentos do Turismo Acessível Andreia Moura, Elisabeth Kastenholz, Anabela Pereira	443
A revalorização do património edificado através do Turismo em Espaço Rural no Alto Alentejo Eva Milheiro, Elisabeth Kastenholz, Maria João Carneiro	455
O valor do património na experiência turística em espaço rural: o caso de Janeiro de Cima Mariana Sousa Carvalho, Elisabeth Kastenholz, Maria João Carneiro	465
O turismo urbano, como elemento potenciador da reabilitação urbana. Zélia Cristina Almeida Duarte	473
A sustentabilidade do valor cultural de centros históricos com preocupações sociais. Alice Tavares, Maria José Feitosa, Aníbal Costa	485

7. Gestão do património

Plano de Manutenção dos Monumentos da Rota do Românico. Enquadramento, metodologia e implementação Teresa Cunha Ferreira	489
Ferramentas de Gestão do Património Público Municipal Marta Daniela Leal Ferreira, Joana Maria Figueiredo Mota de Andrade, Maria Manuela de Carvalho Álvares	499

Potencialidades da gestão de informação técnica das igrejas da Rota do Românico Adriana Nunes, Esmeralda Paupério, Xavier Romão, Rosário Machado, Ricardo Magalhães, Humberto Varum	509
---	-----

Building Life Cycle Management aplicado a um edifício de alvenaria de pedra. Raquel Matos, Fernanda Rodrigues, Hugo Rodrigues, Ana Dinis Alves, Paulo Ribeirinho	519
---	-----

8. Importância da avaliação do valor cultural do edificado existente no projeto

Monumento Rodoviário: valores e diretrizes para a sua recuperação. Victor Filipe Moreira Monteiro, Rosina Trevisan M. Ribeiro	523
--	-----

A importância da avaliação do património na reutilização do edifício. Estudo de caso: Edifício Sede da Fundação RioZoo Isabel Cristina Ferreira Ribeiro, Virginia Maria Nogueira de Vasconcellos	531
---	-----

O Mosteiro e a Igreja de Ermelo António Manuel da Silva Braz	541
---	-----

Proteção do Património Edificado de Cabo Verde Vera Cíbele Neves Marques-Ana Luísa Velosa	551
--	-----

Chalé da Escola de Arquitetura e Urbanismo da universidade Federal Fluminense: O descaso como forma de degradação do património arquitetónico. Mayra Rolim Bernardino, Virginia Maria Nogueira de Vasconcellos.....	561
--	-----

O descobrimento de um palácio tardo-medieval através dos estudos históricos, arquitetónicos e arqueológicos. O <i>caserío</i> urdaiaga. Juan Pedro Otaduy, Maialen Sagarna	573
---	-----

Conservação, salvaguarda e valorização do Património Arquitectónico. Opções, fases e suas vicissitudes. Miguel Malheiro, Augusto Costa	575
---	-----

9. Casos práticos de intervenção

Intervir em coberturas de madeira e seus impactos: ensaios em escala real a duas asnas de madeira Jorge M. Branco, Hélder S. Sousa, Paulo B. Lourenço	579
--	-----

Reabilitação da Real Vinícola em Matosinhos. Hugo Marques, José Cunha	589
Potencial de utilização de edifícios tradicionais públicos Portugueses – Caso de estudo do concelho de Cabeceiras de Basto Vitor Marques, Anabela Paiva, Jorge Pinto	599
São Luiz do Paraitinga: o último retrato das pequenas cidades brasileiras do século XVIII Campos, Rogério P.; Rodrigues, Fernanda; Costa, Anibal; Varum, Humberto	605
Reabilitação de uma moradia moderna no Porto Neves, António	615
Considerações acerca da operação PVSURU: manter-se-á um Porto Vivo? Lysie Reis, Rui Fernandes Póvoas	625
Estudo de Renovação Urbana do Barredo, Porto 1969 Joaquim Flores;	633
A importância dos ensaios, monitorização e modelação numérica no apoio à reabilitação – Caso de estudo do edifício Paço II, Castelo São Jorge Nélia Ferreira, Romeu Vicente, Hugo Rodrigues, Tiago Ferreira, Jorge Fonseca e Aníbal Costa	643
Reabilitação estrutural de Edifícios de “placa” - Caso de Estudo. Lurdes Belgas, Jorge Mascarenhas, Paulo Cordeiro	651
Geodesign, artefactos eco-brutalistas para a arquitetura, turismo e urbanismo. Diogo Frias, Francisco Providência, Ana Velosa	661
Intervenção de reabilitação numa cobertura em zinco Filipe Ferreira	669
Restauro e conservação da Igreja da Misericórdia de Viana do Castelo: caso prático de intervenção António Braz, Aníbal Costa	679
Igreja de S. Francisco - Évora: antecedentes e motivações para uma intervenção de requalificação exemplar . Cónego Manuel da Silva Ferreira	691

Ensaios experimentais de paredes reforçadas com S&P ARMO-mesh®. Joana Pereira, Filipe Dourado.....	701
Casa de Santa Cruz em Albergaria, uma <i>villa</i> de Raul Lino? Do reconhecimento de uma obra de arte total como princípio de intervenção. Carla Garrido de Oliveira, Ana Maio	711
Theatro Municipal do Rio de Janeiro – restauração e transformação da antiga sede da Compainha Nacional de Navegação Costeira em Central Técnica de Produções. Bruno Cesar dos Santos.....	721
Custo de reabilitação de pilares ocos com base nos estados limite de dano sísmico. Pedro DELGADO, Nelson SÁ, Mário MARQUES, António ARÊDE	731
Preservação de técnicas construtivas em contexto museológico e didáctico Zita Sampaio.....	741
O valor patrimonial do desenho na cultura projectual portuguesa. Um caso de estudo. Magalhães, Graça Providência, Francisco	751
Para um modelo de intervenção no Património - Dois casos de estudo. Olga Feio, Manuela Álvares	761
Documentação fotográfica e video de obras de reabilitação do património: o caso da Igreja de S. Francisco em Évora Manuel Ribeiro	769
Aplicação do BIM à Gestão do Património Edificado – Caso de Estudo José Teixeira, Fernanda Rodrigues, Hugo Rodrigues.....	779
A ideia de sustentabilidade no processo de reabilitação do centro histórico do Porto: o Edifício Padaria Ricardo Santos, Diana Barros.....	787
Intervenção em Património Classificado. Reabilitação das Muralhas de Óbidos. João M. Guedes, Tiago Ilharco, Alexandre A. Costa, Bruno Quelhas, Valter Lopes.....	799

Intervenção na Ermida de S. José da Mata do Bussaco. Filipe Teixeira, Luís Mariz, Pedro Lourenço· Ana Velosa	809
Avaliação da dessalinização por eletromigração do granito contaminado com sais - sua contribuição para a conservação de estruturas do património cultural. José N. Marinho, Eunice Salavessa, Said Jalali, Luís Sousa, Carlos Serôdio, Maria João P. Carvalho	819
Reforço Estrutural de Vigas de Madeira com Soluções de Pré-Esforço. LIMA, Lucas C. C. de; COSTA, Alexandre A.; RODRIGUES, Carlos F.....	821
Construção em falsa cúpula na região transfronteiriça Gerês-Xurés: Metodologias e caracterização. Carlos E. Barroso, Belén Riveiro, Luís F. Ramos, Daniel V. Oliveira, Fernando C. Barros, Paulo B. Lourenço	823
Reabilitação do Pavilhão dos Desportos do Porto – Caracterização da estrutura existente. Hugo Marques	825
 <u>10. Património Imaterial</u>	
Capoeira: dança de negro, contravenção penal, património cultural imaterial da humanidade. Uelber Barbosa Silva ¹ , Lázaro Vieira dos Santos ² , Maria Rita S.P. Amoroso ³	829